

PROGRAMA 02 -Abraão



HISTÓRIA
Abraão

01. TEXTO I - Em todo o país a lei de 13 de maio de 1888 libertou poucos negros em relação à população de cor. A maioria já havia conquistado a alforria antes de 1888, por meio de estratégias possíveis. No entanto, a importância histórica da lei de 1888 não pode ser mensurada apenas em termos numéricos. O impacto que a extinção da escravidão causou numa sociedade constituída a partir da legitimidade da propriedade sobre a pessoa não cabe em cifras.

ALBUQUERQUE, W. O jogo da dissimulação: Abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2009 (Adaptado).

TEXTO II - Nos anos imediatamente anteriores à Abolição, a população livre do Rio de Janeiro se tornou mais numerosa e diversificada. Os escravos, bem menos numerosos que antes, e com os africanos mais aculturados, certamente não se distinguiram muito facilmente dos libertos e dos pretos e pardos livres habitantes da cidade. Também já não é razoável presumir que uma pessoa de cor seja provavelmente cativa, pois os negros libertos e livres poderiam ser encontrados em toda parte.

CHALHOUB, S. Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão no Corte. São Paulo: Cia. das Letras, 1990 (Adaptado).

Sobre o fim da escravidão no Brasil, o elemento destacado no Texto I que complementa os argumentos apresentados no Texto II é o(a):

- a) variedade das estratégias de resistência dos cativos.
- b) controle jurídico exercido pelos proprietários.
- c) inovação social representada pela lei.
- d) ineficácia prática da libertação
- e) significado político da Abolição.

02. Com a formação dos Estados nacionais europeus, surgiu em vários países um sistema de governo centralizado denominado de "monarquia absoluta". Sobre o caráter desse sistema de governo, diz o historiador Perry Anderson: "(...) De fato a monarquia absoluta no ocidente foi, portanto, sempre duplamente limitada: pela persistência de corpos políticos tradicionais colocados abaixo dela e pela presença de uma lei moral situada acima. Por outras palavras, a dominação do Absolutismo exerceu-se, no fim das contas, necessariamente nos limites da classe cujos interesses ele preservava."

ANDERSON, Perry. "Classes e Estados – problemas de periodização." In: HESPANHA, António Manuel. Poder e instituições na Europa do Antigo Regime. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, p. 133.

Percebemos então que na visão de Perry Anderson,

- a) Na monarquia absolutista, o poder político era igualmente dividido entre o monarca, a aristocracia e o clero, sendo que os plebeus ficavam completamente excluídos.
- b) A formação das monarquias absolutistas corresponde ao crescimento de poder da classe burguesa, pois com os impostos vindos do crescimento do comércio e da navegação, o rei tornou-se dependente dessa classe.
- c) Na monarquia absolutista, o poder real era exercido com certos limites, oferecidos pela aristocracia, classe que participava do poder político, e pela Igreja, que oferecia as bases morais para o sistema.
- d) No momento da formação dos Estados nacionais europeus, o poder da Igreja cresceu, fazendo com que os reis precisassem se submeter ao poder papal.
- e) No sistema de governo da monarquia absolutista, apesar da centralização política, o rei tinha sempre os seus poderes limitados por uma constituição, à qual deveria obedecer.

03. Em meio às turbulências vividas na primeira metade dos anos 1960, tinha-se a impressão de que as tendências de esquerda estavam se fortalecendo na área cultural. O Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) encenava peças de teatro que faziam agitação e propaganda em favor da luta pelas reformas de base e satirizavam o "imperialismo" e seus "aliados internos". KONDER, L. História das Ideias Socialistas no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

No início da década de 1960, enquanto vários setores da esquerda brasileira consideravam que o CPC da UNE era uma importante forma de conscientização das classes trabalhadoras, os setores conservadores e de direita (políticos vinculados à União Democrática Nacional - UDN -, Igreja Católica, grandes empresários etc.) entendiam que esta organização:

- a) constituía mais uma ameaça para a democracia brasileira, ao difundir a ideologia comunista.
- b) contribuía com a valorização da genuína cultura nacional, ao encenar peças de cunho popular.
- c) realizava uma tarefa que deveria ser exclusiva do Estado, ao pretender educar o povo por meio da cultura.
- d) prestava um serviço importante à sociedade brasileira, ao incentivar a participação política dos mais pobres.
- e) diminuía a força dos operários urbanos, ao substituir os sindicatos como instituição de pressão política sobre o governo.

PROGRAMA 02- Karoline Torres



REDAÇÃO e ARTES
Karoline Torres

01. As ruínas do povoado de Canudos, no sertão norte da Bahia, além de significativas para a identidade cultural, dessa região, são úteis às investigações sobre a Guerra de Canudos e o modo de vida dos antigos revoltosos.

Essas ruínas foram reconhecidas como patrimônio cultural material pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) porque reúnem um conjunto de

- A - objetos arqueológicos e paisagísticos.
- B - acervos museológicos e bibliográficos.
- C - núcleos urbanos e etnográficos
- D - práticas e representações de uma sociedade.
- E - expressões e técnicas de uma sociedade extinta.

02. Observe os textos I e II, assinale a alternativa correta sobre sua funcionalidade e objetivo textual.

Texto I - Pagu é resgatada do lixo

Musa do Modernismo brasileiro, Pagu acabou no lixo de São Paulo. O olhar lânguido, os cabelos morenos encaracolados e boca coberta do batom mais vermelho que encantaram Oswald de Andrade e Cia. Foram jogados em um saco plástico azul e deixados em uma esquina no Butantã.

De passagem por uma rua, Selma Morgana Sarti, 42, com seu carrinho de supermercado, a catadora de papéis não conhecia Pagu, mas achou que as fotos [...] poderiam ter importância.

[...] Patrícia Galvão(1910 – 1962), nome de batismo da escritora e jornalista, juntou-se a um dos principais movimentos políticos da esquerda, que consumiram parte de sua vida. [...]

A Folha apurou que o conjunto foi descartado pela jornalista Leda Cintra Ferraz, que se separou a pouco mais de um ano do filho de Pagu, Geraldo Galvão Ferraz. [...]

MACHADO, Cassiano Elek. Folha de S. Paulo, 30 de jun. 2004.

Texto II – Pagu - Maria Rita

Mexo, remexo na inquisição
Só quem já morreu na fogueira
Sabe o que é ser carvão
Hi! Hi!...
[...]

Sou rainha do meu tanque
Sou Pagu indignada no palanque
Hi! Hi!

Fama de porra louca
Tudo bem!
Minha mãe

É Maria Ninguém
Hi! Hi! Eh! Eh!...

Não sou atriz, modelo, dançarina
Meu buraco é mais em cima...

Porque,
Nem toda feiticeira é corcunda,
Nem toda brasileira é bunda,
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem!
Nem toda feiticeira é corcunda,
Nem toda brasileira é bunda,
Meu peito não é de silicone,
Eu sou mais macho que muito homem...

Fonte: <http://letras.mus.br/maria-rita/73651/>

- a) O Texto I faz um breve relato de uma grande personalidade do Modernismo brasileiro.
- b) A finalidade aparente do Texto I é relatar um fato cotidiano de forma irônica, pois utiliza poucos personagens, como prevê uma boa crônica narrativa.
- c) O Texto II objetiva apresentar um perfil feminino irreverente e o eu lírico se utiliza da identidade de Pagu, para contrariar a ideia apresentada.
- d) O Texto II é uma música que traça um perfil feminino em que Pagu se encaixa, e o texto I, nos ajuda a certificar essa característica.
- e) Tanto o Texto I, quanto o Texto II falam da mesma personalidade do Modernismo: Pagu, e ambos se encaixam nos gêneros jornalísticos.

03. Observe o texto que segue:

Opinião - Zé Keti

Podem me prender
Podem me bater
Podem, até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião.
Daqui do morro Eu não saio, não

Se não tem água
Eu furo um poço
Se não tem carne
Eu compro um osso e ponho na sopa
E deixa andar, deixe andar...
Fale de mim
Quem quiser falar
Aqui eu não pago aluguel
Se eu morrer amanhã seu doutor,
Estou pertinho do céu.
Fonte: <http://letras.mus.br/ze-keti/197278/>

A música de Zé Ketti fez parte de um espetáculo teatral em 1964, no Rio de Janeiro que evidenciava circunstâncias sociais. O papel da MPB nesse contexto representado pela música evidência:

- a) entretenimento para os grupos intelectuais.
- b) valorização dos progressos econômicos.
- c) crítica a passividade dos setores públicos.
- d) denúncia da situação social e política do Brasil.
- e) mobilização dos setores que apoiavam a ditadura.